



2 E 3 JUNHO DE 2015

FÓRUM
6ª EDIÇÃO

INTERNACIONAL DE GESTÃO ARTÍSTICA E CULTURAL

«COOPERAÇÃO CULTURAL TRANSNACIONAL»

FIGACIPVC.WORDPRESS.COM

Projetos Culturais Transnacionais: Contributos do FIGAC

Anabela Moura

amoura@ese.ipvvc.pt

Escola Superior de Educação de Viana de Castelo

Resumo

Todos os anos, desde 2010, o Fórum Internacional de Gestão Artística e Cultural (FIGAC) convida artistas e gestores das artes e da cultura, a juntarem-se à comunidade académica em geral e especificamente aos estudantes da Licenciatura de Gestão Artística e Cultural (GAC), da Escola Superior de Educação (ESE) do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (ESE-IPVC) e a participarem da sua programação, na instituição que deu início em 2007, pela primeira vez em Portugal, a uma licenciatura nesta área. Em junho de 2015, decorreu durante dois dias, no Auditório da ESE-IPVC, o 6º Fórum de GAC, subordinado ao tema 'Cooperação Cultural Transnacional', que procurou proporcionar aos estudantes da licenciatura de GAC elementos teóricos e práticos sobre o desenvolvimento cultural em termos globais, além de evidenciar aspetos relacionados com os desafios com que os gestores, administradores culturais e as próprias Universidades se confrontam, assim como os papéis e valores fundamentais à mudança social e cultural. É precisamente sobre isso que este artigo se propõe reflectir.

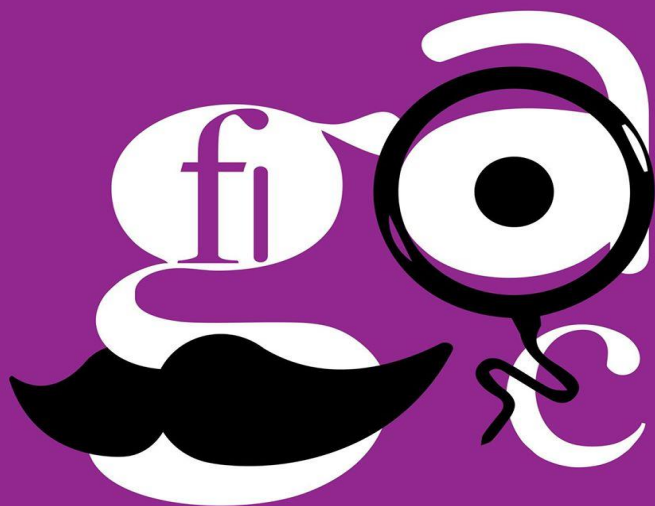
Anabela Moura, nasceu em Viana do Castelo - Portugal. Tem 1 grau em Artes Plásticas (Licenciatura) e 2 graus em Educação Artística (Mestrado e Doutoramento). É Professora adjunta na Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (ESE-IPVC), coordenadora da Licenciatura em Gestão Artística e Cultural. Coordenou ainda na ESE-IPVC, entre 2000 e 2006, Curso de Mestrado em Art, Craft & Design Education, que decorreu em parceria com a Universidade de Surrey/ Roehampton, Londres, o Mestrado de Educação Artística entre 2007 e 2010 e Mestrado em Gestão Artística e Cultural entre 2010 e 2012. Co-coordena a Revista *Diálogos com a Arte* <http://www.ese.ipvvc.pt/revistadiálogoscomaarte/>, tem livros e artigos publicados em revistas e livros nacionais e estrangeiros. Coordenou em Portugal vários projectos internacionais, tais como *Images and Identity* <http://www.roehampton.ac.uk/images-and-identity/index.html> e *Creative Connections* <http://www.creativeconnexions.eu> com catálogo digital www.creativeconnexions.eu/cg.

Introdução

Um número crescente de académicos, estudantes e especialistas a nível internacional tem vindo a participar nos Fóruns de Gestão Artística e Cultural. Estes fóruns são promovidos pelos alunos finalistas da Licenciatura de Gestão Artística e Cultural (GAC), da ESE-IPVC, tendo sido realizada, em Junho de 2015, a sua 6ª edição. Pela primeira vez a Comissão Científica do Fórum abriu inscrições para artistas, educadores de todas as áreas científicas, gestores e administradores culturais implicados na definição de políticas e na programação criativa, responsáveis pela gestão da organização de eventos, políticos e estudantes, o que vem ao encontro do que Srour (1998) refere, que *'o estudo das organizações depende de esforços interdisciplinares. Sociologia, Ciência Política, Antropologia, Administração, Economia Política, Direito e Psicologia Social convergem e contribuem para o conhecimento desse tipo particular de coletividades'* (p.107). O FIGAC tem vindo progressivamente a estender-se dentro e fora do país, tendo-se registado nomeadamente uma significativa presença de Espanha.

O segundo *e-book*, coordenado pelo colega Manuel Gama e que será divulgado brevemente, tem como objetivo publicação de textos que foram submetidos às conferências e mesas-redondas, ou que estiveram na base de comunicações apresentadas no FIGAC 2015, que se subordinaram ao tema 'Cooperação Cultural Transnacional'. As experiências aí divulgadas, refletem o espectro de envolvências nos sectores público e privado das diversas áreas específicas da gestão cultural, além de tentar induzir o diálogo e potenciar parcerias entre universidades, fundações, associações, cooperativas, profissionais autónomos e ativos no setor da cultura, e a comunidade em geral, contribuindo assim para o conhecimento da diversidade cultural, o diálogo intercultural e o desenvolvimento de uma economia da cultura em Portugal. A propósito de diversidade cultural Hermann Voegen (2015), parceiro ERASMUS da Universidade de Postdam, e coordenador de uma Licenciatura de Gestão Cultural, naquela instituição, afirma que:

“(…)nos cursos com uma vertente cultural, a análise da diversidade cultural deverá constituir um objectivo fundamental. Desta forma, é necessário encontrar um equilíbrio e pontos de contacto entre as normas de gestão cultural, relevantes para todos os estudantes Erasmus, e o trabalho criativo, designadamente no que toca a diversidade cultural. O objectivo é descobrir outras culturas, explorá-las e perceber os diferentes interesses e percepções. Esta não-transparência está na base da formulação de perguntas estimulantes. A linguagem, os rituais, as formas de nos expressarmos, são aspectos centrais da nossa diversidade cultural que não devem ser moldadas por um "Euro-Inglês" e a utilização de ferramentas padronizadas”. (Voegen, 2015: 2)



2 E 3 JUNHO DE 2015

FÓRUM

6ª EDIÇÃO

INTERNACIONAL DE GESTÃO ARTÍSTICA E CULTURAL

«COOPERAÇÃO CULTURAL TRANSNACIONAL»

FIGACIPVC.WORDPRESS.COM

O FIGAC parte da premissa de que são, em primeiro lugar, os gestores e os responsáveis pela definição de políticas culturais quem mais necessita de desenvolver uma consciência das questões mais alargadas que a gestão das artes e da cultura envolve – e, assim, o potencial para promover o desenvolvimento de audiências, elevando o perfil dos artistas, aumentando os níveis de apoio político e financeiro às artes. Assim, durante dois dias debateram-se questões relacionadas com a relevância da cooperação transnacional, o mapeamento de valores culturais, as indústrias culturais e criativas, os intermediários culturais e criativos e estratégias de planeamento, podendo na verdade invocar Melo (2002), que refere que,

“Hoje, a cultura tem de competir, no mundo moderno do comércio, do turismo e da política. Em muitos aspetos, o artista, em si, está imune. Carlos Seixas, no século XVIII, era tão movido, na sua atividade musical, pelas exigências dos seus empregadores e Patrono, a Igreja e o Rei, como Madredeus é hoje pelas exigências dos seus compromissos contratuais e do público. Mas a forma como a arte é apresentada tornou-se muito mais crítica.” (pp.1)

Em Portugal, a própria Constituição da República Portuguesa (CRP) de 1976, em matéria de direitos e liberdades e deveres, à semelhança de outros países europeus, consagrou também vários *Direitos, Liberdade e Garantias* (Título II e III, da parte I), nomeadamente a liberdade de criação cultural e artística (Artigo 42º), além do direito à cultura (Artigo 73º) e à fruição cultural (Artigo 78º)¹. Nesse contexto, a cultura e as artes passaram a fazer parte da agenda das políticas públicas, consolidando as instituições voltadas para a gestão da cultura e das artes no país (Moura *et al.* a, 2015a) A globalização é, segundo estes investigadores ‘uma arena entre hegemonias em que a conquista de espaço transnacional é fulcral (...)’ (Seixas & Gumbe, 2014:8). De facto, torna-se necessário que a formação de gestores das artes e da cultura promova uma maior conscientização de si e dos outros. No caso da ESE/IPVC, tem sido uma constante essa preocupação, a de estar atento política e socialmente às transformações culturais do país, procedendo ao mapeamento cultural de situações diversas, pois estamos de acordo com Seixas e Gumbe (2014) quando afirmam que, como a cultura se transformou num factor de produção, esse mapeamento é também necessário de um ponto de vista económico, não só para responder às necessidades das comunidades mas também para saber antecipar ou mesmo criar novas necessidades, o que só é possível se houver um regular mapeamento cultural. Segundo estes investigadores (*ibid.*), mapeamento cultural é entendido como um ‘trabalho de base descritivo e de levantamento etnográfico e documental, sustentado pelas ciências sociais e pelos estudos artísticos mas com o objectivo de servir o planeamento estratégico’ (pp.3)

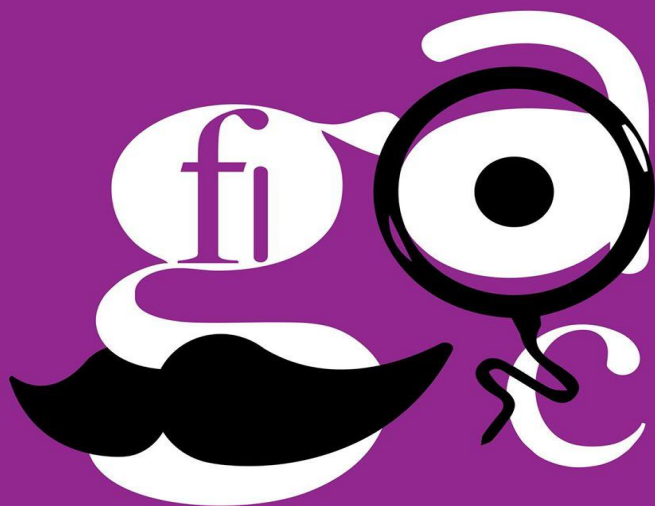
¹ Note-se que, de acordo com a CRP, o Estado deve promover além da democratização da escola, a própria democratização da cultura e do património cultural, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos à fruição e criação cultural... (Artigo73º e seguintes).

Neste contexto, mais uma vez se discutiram os atuais modelos de avaliação e financiamento cultural que permitem a viabilização de iniciativas culturais e a promoção transnacional da cultura e das Artes. A esse propósito, Susana Costa Pereira, do Centro de Informação Europa Criativa, falou do subprograma Cultura, do Programa Europa Criativa 2020, desenhado para apoiar os setores culturais e criativos europeus, a partir da promoção transnacional de circulação de obras culturais e criativas; da mobilidade de artistas e da cooperação entre operadores culturais e criativos, apresentando os seus principais objetivos e prioridades; das linhas de financiamento, critérios de elegibilidade, avaliação e problemas apontados pelos peritos internacionais na avaliação das candidaturas, tais como orçamentos desajustados, dificuldade para avaliação do que será patrocinado, falta de delimitação do público-alvo, projetos mal desenhados, falta de profissionalismo da equipa do projeto, além da não aceitação de critérios de seleção predefinidos, não cumprimento dos compromissos e desconhecimento das leis pelos produtores culturais.

Importante será ter consciência de que, no final dos anos 90, quer na Europa (principalmente no Reino Unido) quer na Austrália, e depois um pouco por todo o mundo, a cultura se tornou uma variável relevante para reactivar a economia (Seixas e Gumbe, 2014: 5). A Estratégia de Lisboa, segundo os mesmos investigadores, no ano 2000, propunha um plano de acção para uma Sociedade Baseada no Conhecimento, em função da mudança para uma sociedade de serviços e novas tecnologias digitais e, em 2006, a Comissão Europeia lançou o relatório *The Economy of Culture in Europe*. Em 2008, a United Nations Conference on Trade And Development (UNCTAD) lançou o relatório *Creative Economy*. Em 2010, a mesma CE publica o Livro Verde – *Realizar o Potencial das Indústrias Culturais*, e simultaneamente é publicado o relatório do *Expert Working Group on maximising the potential of Cultural and Creative Industries, in particular that of SMEs*, pela Open Method of Coordination (OMC). Todos estes documentos enfatizam o poder transformador da cultura (Moura *et al*, 2015b), e a sua função de integração social e de reforço de identidade.

Apesar do 'indiscutível desenvolvimento cultural conquistado em quase quarenta anos de democracia' (Gama, 2013:v), Portugal ainda se encontra muito atrasado. Em 2002, José Melo, ex coordenador da área da Comunicação e Expressões Artísticas afirmou o seguinte:

"(...)Os artistas continuam a procurar promover o seu trabalho e a organizar exposições, espetáculos teatrais ou concertos, sem possuírem qualquer formação específica, nem apoio especializado. Os resultados são, por vezes, brilhantes, mas, mais vezes ainda, infelizmente medíocres. Embora quase todo o território português seja elegível para apoio prioritário da Comissão Europeia, o país falha sistematicamente no acesso a todos os fundos a que tem direito. As candidaturas portuguesas a apoios para as atividades artísticas contam-se entre as menos bem sucedidas na Europa – não porque a sua base criativa seja fracas, mas porque são, o



2 E 3 JUNHO DE 2015

FÓRUM

6ª EDIÇÃO

INTERNACIONAL DE GESTÃO ARTÍSTICA E CULTURAL

«COOPERAÇÃO CULTURAL TRANSNACIONAL»

FIGACIPVC.WORDPRESS.COM

mais das vezes, mal elaboradas, mal apresentadas, com orçamentos inviáveis, elementos vagos e objetivos deficientemente explanados... e por aí fora. Este curso que ora se propõe procura ajudar a colmatar tal situação.” (p.2)

Os artistas podem, no entanto, desempenhar um papel fundamental (e independente) na transformação de valores políticos e crenças instituídas, contrariando estas tendências negativas (Tipton, 2014). Segundo a mesma fonte (*ibid.*), em 2011 a Comissão Europeia reviu o programa europeu de “Cultura Criativa” e ‘incluiu princípios ligados à inovação, competitividade, valor-acrescentado e mecanismos de mercado (IFA, 2013:5)’, pois tal como afirmou Melo (2002:1)

“Já lá vão os dias em que as artes não passavam de “uma coisa boa” e os seus praticantes eram tratados com um tipo especial de tolerância pela sociedade – com resultados artísticos muitas vezes variados. (...) Os artistas são muito mais competitivos, entre si, pelo seu quinhão de reconhecimento público e os públicos têm consciência muito aguda daquilo que pretendem, da rentabilidade do dinheiro que gastam e da qualidade da experiência cultural global. Em muitos países, particularmente no norte da Europa e nos Estados Unidos, os profissionais e os políticos das artes falam de Indústrias Culturais. Os públicos são vistos como clientes, um espetáculo ou uma exposição como um produto. Os governos reconheceram os benefícios económicos de uma forte indústria cultural (na Grã-Bretanha, por exemplo, as artes são a terceira maior fonte de receitas estrangeiras, a seguir aos serviços financeiros e à venda de armamento). A Comissão Europeia tem afirmado que as artes são uma das únicas indústrias em crescimento na Europa, em termos de emprego. Nestes países, os papéis do gestor e do administrador assumiram uma nova valia, e a gestão artística é hoje uma profissão respeitada, por direito próprio – com uma profusão de cursos de formação, licenciaturas e diplomas de pós-graduação, destinados a criar profissionais de estatura adequada.”

O Encontro 1 denominado de ‘Portugal nos Projetos de Cooperação Cultural do Programa Europa Criativa’ confrontou representantes de uma divisão da cultura e turismo, de uma companhia de teatro, de uma associação cultural e social e de uma associação de produção e animação audiovisual. Não obstante as dificuldades sentidas num contexto de reforma económica e de cortes orçamentais, todos os participantes descreveram projetos bem sucedidos em que participaram e foi possível encontrar semelhanças entre eles, em termos de inovação, valor-acrescentado e mecanismos de mercado.

O painel de comunicações ‘Caminhos para a Cooperação’ moderado por Álvaro Torrente, da Universidade Complutense de Madrid, e os painéis ‘Gestão Cultural: Formação e Cooperação’, moderado por Enrique Villalba, da Universidade Carlos III de Madrid (Figura 1) e ‘Mediações: Espaços e Públicos’, moderado por Pedro Pereira, do IPVC, contaram com a presença de investigadores das Universidades do Porto e de Aveiro e reuniram

investigadores e coordenadores de cursos de mestrado de dez Universidades Portuguesas e Espanholas e dois Institutos Politécnicos.



Figura 1: Mesa Redonda1 “Gestão Cultural, Formação e Cooperação” © amoura

Neles se debateram o papel do Teatro, da Língua e da Investigação e as características específicas e formas de cooperação praticadas por cada um dos projetos e cursos que representam, assim como formas de complementaridade. Deram-se a conhecer projetos conjuntos no âmbito cultural e divulgaram-se estudos, iniciativas de cooperação transnacional e o uso de recursos turísticos e culturais no espaço transfronteiriço da região Norte de Portugal-Espanha (e.g. da Euroregião Galiza-Norte de Portugal), desenvolvidos em contextos muito diversos. Mais uma vez a criação artística foi aí interpretada por Carlos Fragateiro, da Universidade de Aveiro, como um forte veículo de criação de pontes entre culturas (Carlos Fragateiro, 2015), de intercâmbio cultural transnacional, na perspectiva de Xulio Pardellas & Carmen Maiz-Bar, da Universidade de Vigo, e de convergência artística como caminho para uma cooperação luso-brasileira, como nos descreveu Francisco Moreira, da Universidade Federal do Pará, e Larissa Latif Plácido Saré, da Universidade do Minho. Fez-se a análise do potencial e identificação das necessidades e o planeamento cultural: seus objetivos, pressupostos teóricos, estratégias metodológicas e resultados esperados. Todas as intervenções reforçaram questões que Lee & Gilmore (2012:17) apontam como sendo fundamentais, quando se trata de reflectir sobre mapeamento cultural:



2 E 3 JUNHO DE 2015

FÓRUM

6ª EDIÇÃO

INTERNACIONAL DE GESTÃO ARTÍSTICA E CULTURAL

«COOPERAÇÃO CULTURAL TRANSNACIONAL»

FIGACIPVC.WORDPRESS.COM

a) Como se caracteriza a paisagem cultural?; b) Qual é o contexto estratégico propício ao desenvolvimento do sector cultural?; c) Que tipos e formas adoptam as propostas culturais existentes?; d) Quais são as estratégias de desenvolvimento territorial prioritárias?; e) Qual o papel que os 'valores culturais' (património material e imaterial; indústrias culturais e criativas; etc) podem ter face a tais prioridades?; f) Como se avaliam futuras possíveis intervenções nestas áreas, quer para se implementarem, quer nos seus impactos?(In Seixas & Gumbe, 2014: 9)

O segundo dia iniciou com as mesas-redondas 'Mediações: Espaços e Públicos', moderada por Pedro Pereira e 'Redes Culturais: Cooperação e Internacionalização', moderada por Belén Elisa Diaz Pérez, sendo o Encontro 2 intitulado 'Associativismo como forma de Cooperação entre Gestores Culturais', moderado por Manuel Costa. No segundo painel de comunicações os trabalhos seleccionados abordam, direta ou indiretamente, temas relacionados com as relações entre os espaços de cultura e os seus públicos. Conceitos sobre mediação centralizada e descentralizada, em museus e galerias de arte, foram exploradas por Vanessa Freitas e Laurem Crossetti, ambas da Universidade do Porto. Alba Souza, da Universidade de Aveiro, abordou a formação de públicos relacionada com o setor da música erudita e Cristiana Madureira, do Instituto Politécnico de Bragança, trouxe à reflexão uma concepção de cidadania entendida como participativa, alargada, que pressupõe vários espaços territoriais, esferas de participação, diversidade de dimensões (política, económica, social e cultural) e de temas (saúde, género, consumo, ambiente), recomendando que se proceda à identificação de materiais sobre este tema. Todos enfatizaram a importância do mapeamento cultural, (2014)² que, segundo Seixas e Gumbe:

“não se identifica com uma recolha etno-antropológica de carácter científico; nem se pode reduzir a uma mera classificação mais ou menos administrativa e técnica do património e tão pouco deve confundir-se com um relatório técnico para simples uso de planeadores em gabinete. Em parte, o mapeamento cultural inclui todas essas três vertentes mas deve ser antes de mais um processo de pesquisa participativa e colaborativa de forma que a comunidade em causa se identifique com o processo, pois a consciência cultural, ou seja, a consciência da paisagem cultural em que a comunidade está envolvida é em si mesmo um elemento activador de estratégias de acção. E tal é, de facto, um dos aspectos mais relevantes do mapeamento cultural para que o planeamento cultural não se confunda com um qualquer planeamento da cultura ou uma engenharia da cultura efectuada em gabinetes de grupos de tecnocratas.” (2014:9)

² Foram momentos de reflexão sobre a profissionalização dos Gestores Culturais, a partir dos relatos de associações de profissionais do setor, em Espanha e Portugal, tendo-se concluído que a experiência das redes e do associativismo no setor é muito maior nas organizações espanholas que nas organizações portuguesas e que seria vantajoso o estreitamento de relações entre entidades congéneres para uma ação mais articulada entre organizações dos dois países.

A 'Residência Artística em Viana do Castelo: Relatos de Uma Experiência', foi outra mesa-redonda que reuniu cinco participantes nacionais e internacionais que fizeram as suas apresentações resultantes das atividades artísticas desenvolvidas durante uma semana de Residência "Jovens Artistas Emergentes Europeus" (25 de maio a 1 de junho de 2015), que proporcionou a mobilidade de alguns artistas e obras e a convergência de ideias na criação coletiva de uma instalação intitulada 'Obra na Residência' (Figura 2) que seria posteriormente sujeito a uma itinerância pelas suas cidades de origem. A Residência e respetivo apoio financeiro formalizou-se através de um contrato celebrado pela organização do FIGAC e a Instituição Científica de Acolhimento e pelos artistas em residência. "Obras dos Residentes" foi a exposição colectiva que integrou uma exposição na Casa Manuel Espregueira e Oliveira, em Viana do Castelo.



Figura 2: Obra na Residência, ESEVC © amoura

Estamos de acordo que a experiência de participação de artistas ou de entidades portuguesas em projetos de cooperação cultural transnacional é tradicionalmente reduzida (Gama, 2015), mas estamos a reformular uma candidatura para submeter ao Programa Europa Criativa, intitulada " *Migratory Cultures: Contemporary European Artists in Transition and Translation* ", que tentará dar mais alguns passos nos campos da oferta cultural, especificamente em termos de infraestruturas e atividades, procura, práticas e consumo e financiamento cultural.



2 E 3 JUNHO DE 2015

FÓRUM
6ª EDIÇÃO

INTERNACIONAL DE GESTÃO ARTÍSTICA E CULTURAL

«COOPERAÇÃO CULTURAL TRANSNACIONAL»

FIGACIPVC.WORDPRESS.COM

Reflexões Finais

O FIGAC 2015 aponta alguns caminhos possíveis para a cooperação cultural entre indivíduos, instituições e territórios, a partir, essencialmente, da apresentação de casos práticos desenvolvidos na Europa, no Brasil e Espanha relacionados com a mobilidade transnacional de profissionais do setor cultural e criativo, desenvolvimento de públicos, financiamento e competitividade do setor cultural e criativo e capacitação dos Profissionais do Setor Cultural e Criativo.

Foi por isso que se considerou importante promover no FIGAC 2015 o encontro “Portugal nos Projetos de Cooperação Cultural do Programa Europa Criativa” para se apresentar e discutir casos de sucesso da participação de entidades portuguesas nos dois primeiros concursos promovidos no âmbito do subprograma Cultura destinados a financiar projetos de cooperação europeia.

Com tudo isto, o Curso de Gestão Artística e Cultural da ESE/IPVC pretende mostrar que, para além de se preocupar constantemente em promover ensino de excelência e a sua democratização, dando oportunidade de maior acesso de estudantes a uma educação, com marca de qualidade, que se tem vindo a consolidar ao longo da sua existência. É nesse sentido que se apresentam projectos e acções abordadas pelos participantes no Fórum, com vista a enriquecer o processo educativo. O investimento no ensino de qualidade, juntamente com o estímulo às acções artísticas e culturais, tem sido uma das suas grandes realizações. A identificação de especialistas convidados ao longo dos oito anos de existência desta licenciatura, quer a título individual e de forma autónoma quer associados a uma instituição (e.g. Universidades City, Roehampton e De Montfort, na Inglaterra; Postdam e Goerlitz, na Alemanha; Charles, na República Checa; Belo Horizonte e Campinas, no Brasil), e o estabelecimento de contactos, protocolos e parcerias entre instituições, para além do capital relacional e científico daí advindo, podemos dizer, têm resultado não apenas na organização de eventos académicos mas também em trabalho de investigação em parceria, sempre com o objetivo de obter compromissos a longo prazo e não unicamente para intervenções pontuais.

Esta publicação, que aqui se apresenta, evidencia na verdade o desempenho da Licenciatura de GAC do IPVC, no que concerne a preocupação na formação especializada em áreas específicas da gestão cultural, acreditando que a responsabilidade social e cultural se expressem na convicção de que uma organização só se realiza quando a sua missão e seus valores espelham a sua própria realidade.

Esperamos que o esforço de todos que integraram as comissões científicas e organizadoras dos seis fóruns, assim como das múltiplas entidades que apoiaram a sua concretização, tenha um efeito

“ambicioso nas frentes que inclua, na continuidade que confira, na qualidade que denote, na contemporaneidade que assuma, nas ousadias que manifeste, no despertar de necessidades, nos espaços que ative, na comunicação que proporcione, na civilização que incuta, na coesão social que instaure, nos imaginários que incentive. O que passa por uma maior prodigalidade...certamente que a finalidade não é só fazer do país um país de poetas, ou cientistas, ou pintores, ou prosistas, ou escultores, ou cineastas, ou...ou...Mas com a finalidade de fazer um país em que a cultura seja um ócio construtivo, um hobby necessário, contribuindo para o aparecimento de públicos vários, amplos, exigentes e sabedores. Fazer públicos assim, é fazer sociedade, é fazer nação” (Matos Chaves, s/d)

As palavras do crítico de arte, Joaquim Matos Chaves, são sem dúvida as premissas de uma gestão cultural de qualidade, que deve residir na fusão entre a teoria e prática, na reflexão contínua, na relação entre gestores e agentes culturais, que celebre a mistura e transformação que permitam criar novas e inesperadas combinações (Voesgen,2015).

Referências

- GAMA, Manuel (ed.) (2015). *FIGAC 2015: Cooperação Cultural Transnacional*, Viana do Castelo: ESE:IPVC, ISBN 78-989-8756-05-3.
- GAMA, Manuel (2013). *POLÍTICAS CULTURAIS: um olhar transversal pela janela ecrã de Serralves*. In Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho.
- GUMBE, Jorge (2014). *Exploring Ritual for Teaching Patrimony Education in Angolan Art Education*, Unpublished PhD Thesis, London: Roehampton University.
- LEE, David; GILMORE, Abigail. (2012). *Mapping Cultural Assets and Evaluating Significance: Theory, Methodology and Practice*. In *Cultural Trends*, vol 21, nº 1, March:3-28.
- MATOS CHAVES, Joaquim (s/d). *Estado e Arte*, In *Museu Boletim*, (s/p).
- MELO, José Manuel (2002). *Proposta de Curso de Desenvolvimento Profissional em Política e Gestão Culturais, para a Escola Superior de Educação de Viana do Castelo*, Doc. policopiado. Viana do Castelo: ESEVC.
- MOURA, Anabela; MOURA, João; ESCALEIRA, Joaquim; MAGALHÃES, Carla; JÁCOMO, António. (2015a). *Challenges to Cultural Learning through International Cooperation: Festival of Sra. D'Agonia – Portugal*, In *International Journal of Business and Social Science*, v. 6, n. 7, p. 100-106.



2 E 3 JUNHO DE 2015

FÓRUM

6ª EDIÇÃO

INTERNACIONAL DE GESTÃO ARTÍSTICA E CULTURAL

«COOPERAÇÃO CULTURAL TRANSNACIONAL»

FIGACIPVC.WORDPRESS.COM

MOURA, Anabela; MOURA, João; CARDOSO, António; ESCALEIRA, Joaquim; ALMEIDA, Carlos (2015b). Festa Nossa Senhora d'Agonia: contributo para a análise do impacto sociocultural, ambiental e económico na sub-região do Alto Minho, In *Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais* - Centro Universitário do Planalto de Araxá, Instituto Superior de Educação, v. 11, n. 11, p. 189-210.

SEIXAS, Paulo & GUMBE, Jorge (2014) 'Valores Culturais', 'Património' e 'indústrias Culturais e Criativas' em Angola: Uma proposta de diagnóstico e estratégias de valorização. Comunicação policopiada, In 1ª Trienal de Humanidades. Universidade Agostinho Neto, Luanda.

SROUR, Robert Henry (1998). *Poder, Cultura e Ética nas Organizações*, Rio de Janeiro: Ed. Campus, 8ª edição.

TIPTON, Teresa (2014). Repossessive Narrative: A Death Save for Valuing Culture, Creating Cultural Value, In *IX Encontro Internacional das Artes* Viana do Castelo: ESE/IPVC, Hotel Axis, 27 de Maio 2014 <http://www.ipvc.pt/9-encontro-artes-agenda>

VELLA, Raphael (2014). (Re)portraying art and learning in the Mediterranean, In *IX Encontro Internacional das Artes*, Viana do Castelo: ESE/IPVC, Hotel Axis, 27 de Maio 2014. <http://www.ipvc.pt/9-encontro-artes-agenda>

VOESGEN, Hermann (2015) 'Diversidade Cultural enquanto Experiência Pedagógica', in *Atas do XI Encontro Internacional das Artes*, Viana do Castelo: ESE/IPVC, 4 & 5 Junho 2015.